

Ensaio sobre as visões de pecado: Uma reflexão sobre o pecado da vaidade na contemporaneidade**Essay on the visions of sin: A reflection on the sin of vanity in contemporary times**

DOI:10.34117/bjdv6n10-732

Recebimento dos originais: 08/10/2020

Aceitação para publicação: 01/11/2020

Higor Vieira de Araújo

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Acre

E-mail: higor.vieiradearaujo@gmail.com

Carlos Paula de Moraes

Orientador

Possui graduação e Licenciatura em Filosofia

Pós- Graduação em Ética pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2000)

Master em Bioética pela Faculdade de Bioética Regina Apostolorum de Roma (2004)

Graduação em Teologia pela Pontifícia Faculdade Teológica Marianum de Roma (2005)

Mestrado em Teologia Moral e Doutorado na Academia Alfonsiana de Roma (2010)

RESUMO

Este artigo, é um ensaio sobre as visões de pecado nas três grandes religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo, islamismo, uma vez que esse possui papel fundamental na construção moral de suas sociedades. Podemos perceber que no campo da formação moral, a concepção de “pecado”, está relacionada com a formação dos conceitos de certo e errado, presente nestas referidas culturas. De forma especial, buscaremos fazer uma reflexão sobre o pecado da vaidade na tradição cristã, a partir da visão de Tomás de Aquino, analisando alguns aspectos da cultura contemporânea, para discutir como foi o desenvolvimento, no ocidente cristão. Para tanto, teremos como base teórica do referido estudo o Dicionario delle religioni monoteistiche: Ebraismo, cristianesimo, Islam. Adel Theodor Khoury; algumas questões da Suma Teológica de Tomás de Aquino; a obra sobre “as linguagens da experiência religiosa” de José Severino Croatto; o Compêndio de Ciência da Religião, organizado por Frank Usarski e a obra de Zygmunt Bauman, Modernidade Líquida, para uma análise da sociedade contemporânea. Nossa intenção é apontar, que na sociedade globalizada, as diferentes matrizes culturais dessas três grandes religiões monoteístas, não conhecem fronteiras para o mundo digital da internet.

Palavras-chave: Pecado, Religião, Vaidade.**ABSTRACT**

This article, is an essay about the views of sin on tree big monotheistic religions: Judaism, Christianity, Islamism, as each possesses a fundamental role in the moral construction of their societies. We can observe that in the field of moral construction the conception of “sin” is related to the formation of the concepts of right and wrong, present in such mentioned cultures. In a special way, we seek a reflection upon the sin of vanity in Christian tradition, from the point of view of Tomas de Aquino, analyzing some aspects of contemporary culture, furthermore to discuss its development in the western Christian world. For such, we have as theoretical foundation for such study the “Dizionario delle relligioni monoteistche: Ebraismo, cristianesimo, Islam” by Adel

Theodor Khoury, some questions from “Suma Teologica” from Tomas de Aquino, the work “as linguagens da experiencia religiosa” from Jose Severino Croatto, the “Compêndio de Ciência da Religião”, organized by Frank Usarski, and the work of Zygmunt Bauman “Modernidade Líquida”, for an analysis of the contemporary society. Our intension is to point out in the globalized society, that the different cultural cores of these tree big monotheistic religions do not meet limits to the Internet’s digital world.

Keywords: Sin, Religion, Vanity.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente a religião esteve, e ainda está, presente em todas as sociedades. Nos primórdios da humanidade - ela primeiramente era responsável para explicar os fenômenos da natureza. Dentro de uma perspectiva imanente, podemos afirmar que possuímos a necessidade de justificar a criação da vida, e de determinar uma vida após a morte para explicar que os sofrimentos terrenos são passageiros. A visão do paraíso proposta nas três maiores religiões monoteísta: judaísmo, cristianismo e islamismo, que serão o foco nesse artigo, é alcançada apenas quando o crente em qualquer uma dessas confissões leva uma vida conforme a vontade de seu Deus, porém quando não se cumprem os seus preceitos, o fiel está pecando, e por pecar, esse será banido para o oposto do paraíso, o inferno, onde sua alma pagará pelos seus pecados. Neste artigo pretendemos refletir profundamente sobre a visão do sétimo pecado capital da tradição cristã, a vaidade, discutindo como ela se alterou e como ela se comporta em nossa contemporaneidade ocidental.

2 O PECADO NAS TRÊS RELIGIÕES MONOTEÍSTAS

A religião sempre é parte integrante da vida do ser humano, muitos autores possuem receios quando a estudam, devido a sua “volatilidade”, pois a religião pode elevar o espírito e causar conforto a um indivíduo, assim como, também pode alienar uma nação, uma alienação que Karl Max compara a uma droga, ópio, no livro Crítica da Filosofia do Direito de Hegel (1844). Já Sigmund Freud (1835-1930) problematiza a religião como neurose, os desejos e as satisfações mais fortes e fundamentais do homem. Em outra linha de pensamento Roberte Hofmeister nos diz:

“Entenderei “religião” como dizendo respeito a um aspecto da vida ou a uma experiência humana aparentemente universal, em que de forma simples e básica, se insere-se a ideia, presente na etimologia da palavra, de “unir-se” ou “ligar-se” a Deus novamente, onde o novamente pode fazer mais ou menos sentido, dependendo de que forma histórica de religião se esteja partindo” (Pich, 2013)

Com tal informação, podemos entender que a religião é uma condição humana, uma necessidade de explicar nossas ações históricas e culturais, ligando-as a uma divindade infinita que

nos diz o motivo de sermos o que somos. Embora a religião seja movida pela fé e ela mesma seja um princípio volitivo e em seu âmago não é um desempenho formado pela razão, entretanto a fé não é contrária a ela, tampouco irracional, pois só seres racionais, podem praticar atos de fé!

Dentre os mais diversos tipos de religiões e sua busca de união a Deus, este artigo irá se concentrar nas três maiores religiões monoteístas. Essas três religiões: judaísmo, cristianismo e o islamismo, possuem suas semelhanças e diferenças, mas todas possuem origem da fé monoteísta em Abraão.

2.1 JUDAÍSMO

De acordo com Karnal (2002), no livro Oriente Médio, o judaísmo é a mais antiga dentre as três regiões, fruto da religiosidade de Abraão e Moisés na Palestina nos séculos XIX e XII a.C. De acordo com a Bíblia, Abrão recebeu o chamado de Deus, mudou seu nome para Abraão e estabeleceu com ele uma aliança e em sinal de devoção, todos os homens seguidores da fé judaica deveriam fazer a circuncisão. Posteriormente Moisés dá ao povo judeu um código de leis que inclui uma teologia específica, hábitos alimentares e sexuais, junto com a crença de um só Deus justo, com a sua Palavra Revelada, absoluta, no Torá.

O povo judeu possui uma história bastante atribulada, foram dominados por vários povos, nestas dominações os judeus enfrentaram o exílio, também chamado de diáspora, os babilônicos queimaram o Templo que o Rei Salomão havia construído e depois exilou os judeus para a Babilônia, o retorno dos judeus à Jerusalém veio depois, com os persas, que conquistaram os babilônicos e permitiram aos judeus voltarem à sua terra prometida, em seguida, vieram os gregos, com Alexandre, o Grande, e depois os romanos que destruíram Jerusalém e espalharam os judeus por todo seu Império, assim acontece a segunda diáspora.

Durante a Idade Média, os judeus eram perseguidos pela Igreja Católica, pois receberam a alcunha do povo que matou Jesus Cristo. Mesmo sem terras os judeus mantinham suas tradições vivas, sua língua e sua linhagem sanguínea, formando casamentos apenas entre as famílias judias, voltados para o comércio e trabalhando na área bancária, esse povo passou por mais uma dominação, a dominação nos campos de concentração do Holocausto dos nazistas, estimasse que foram de 5 a 6 milhões o número de judeus assassinados pelos nazistas¹.

¹ ALTARES, Guillermo. Por que falamos de seis milhões de mortos no Holocausto?. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/13/internacional/1505304165_877872.html>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

Após o fim da segunda guerra mundial, com o mundo sabendo dos horrores do Holocausto. Em 29 de Novembro de 1947 a recém-criada ONU (Organização das Nações Unidas) recomendou a aplicação de um plano para a partição da Palestina, aprovado pela Assembleia Geral das Nações Unidas através da Resolução 181, foi decidido a divisão da Palestina Britânica em dois estados, um judeu e outro árabe, que deveriam formar uma união econômica e aduaneira, porém a Liga Árabe não aceitou o plano de partilha. Deflagra-se, então, uma guerra entre judeus e árabes. Na sexta-feira, 14 de Maio de 1948, algumas horas antes do término do mandato britânico sobre a Palestina, David Ben Gurion assinou a Declaração de Independência do Estado de Israel².

Mesmo com todas essas atribuições históricas, o povo judeu sempre se manteve fiel a sua fé e nela esse povo encontra suas forças e os problemas históricos são castigos devido aos pecados cometidos pelos próprios judeus. Eles acreditam que quando se peca não é apenas o indivíduo em si que está pecando, mas todo o seu povo, pois é culpa do homem quando este se afasta de Deus³. Seu grande profeta, Moises, já previra tais acontecimentos: *“O Senhor trará, de um lugar longínquo, dos confins da terra, uma nação que virá contra vocês... nação de aparência feroz, sem respeito pelos idosos nem piedade para com os moços... Ela sitiara todas as cidades da sua terra (BÍBLIA SAGRADA, 1969, Deuteronomio 28:49-52)”*.

2.2 O CRISTIANISMO

Leandro Karnal (2002), afirma que o cristianismo nasce com um judeu, Jesus Cristo, pregando uma nova religião que nos seus primórdios se assemelhava muito com o próprio judaísmo, entretanto, Cristo não é apenas humano, Cristo é filho de Deus, que morreu e ressuscitou, aquele que foi enviado para anunciar aos homens a boa-nova da salvação. Albert Samuel vai nos definir, no livro: *“As religiões hoje”*, que essa *“boa-nova”* vem da paternidade de um Deus que envia seu filho aos homens, é evidentemente o centro da mensagem de Jesus, ela está implícita ou afirmada em suas palavras e parábolas, em seus atos e nos milagres.

A fé cristã prega a ideia de um único e justo Deus, tal qual ao judaísmo e estabelece nas palavras bíblicas os ensinamentos, os gestos, a vida de um homem-Deus, narrada por seus apóstolos Marcos, Mateus, Lucas e João no Novo Testamento. Novos ritos de iniciação, batismo em vez de circuncisão, igualdade entre os homens, uma vida moral e justa baseada na soberania de Deus eram seus ensinamentos, enquanto levava uma vida de pobreza e sacrifício (KARNAL, 2002).

O pecado vem das desobediências voluntárias à lei de Deus, ao contrário do judeu, o cristão pagará sozinho, pois o pecado também gera o sentimento de culpa, seus pecados no inferno. O orgulho, avareza, luxúria, inveja, gula, ira, preguiça, assim são os chamados pecados capitais, que

não são mais que os vícios que o homem encontrará na sua vida, se desprendendo destes setes pecados, o homem irá trilhar o caminho da virtude e alcançará o reino dos céus.

2.3 O ISLAMISMO

É a mais recente dentre essas três religiões, seu fundador foi o profeta, e o último, Maomé, comerciante na rota da seda conheceu as religiões judaica e cristã e uma noite o arcanjo Gabriel se revelou ao profeta e anunciou uma nova religião, a religião islâmica. Leandro Karnal nos explica que a palavra islamita quer dizer “submetido a Deus”, para o islâmico, o seu Deus Alá não pede devoção como o Deus cristão, Alá pede submissão de tal maneira que durante as cinco rezas que o fiel deve fazer durante o dia o mesmo não se ajoelha e sim curva-se. O Corão é seu livro sagrado, sendo também uma obra poética, suas rezas são cantadas, um código de moral e da justiça.

A definição de pecado no islã, o Dicionário delle religioni monoteistiche retira um pequeno trecho do Corão: “Ó meus servos, que prevaleceram contra vocês, não se desesperem na misericórdia de Deus, Deus perdoa todos os pecados”. Embora a religião islâmica pregue a submissão a Alá, podemos observar que Alá não é de todo cruel, uma imagem bem construída pela mídia ocidental, ele é benevolente, ele é o “clemente e misericordioso”, tanto quanto o Deus cristão.

Contudo, existe cisões dentro das três grandes religiões citadas, no judaísmo, existe o judeu ortodoxo, o liberal, o conservador, reconstrucionista; no cristianismo teremos: o cristão ortodoxo, católico, protestante e entre outros; no islamismo teremos: islâmico sunita e o xiita. Vários pontos de vista e intepretações dentro das próprias tradições religiosas, nada surgiu da noite para o dia, são religiões seculares que ainda passam por transformações.

Todas as três surgiram no Oriente Médio, elas adoram o mesmo Deus, único e transcendente que se comunicou com os homens através de seus profetas, Moises, Jesus e Maomé.

“Essas três grandes religiões, reveladas e proféticas, receberam de Deus uma lei, mandamentos, prescrições. Desobedecendo a essas leis, seus fiéis experimentam sentimento do pecado. Mas têm esperança em um além no qual as faltas serão punidas, e os méritos recompensados: um paraíso e um inferno, um reino de justiça. Depois do julgamento, começará para os eleitos um mundo novo, no qual ressuscitarão e viverão eternamente” (SAMUEL, 1997, p. 296)

Existe obviamente as diferenças, o Deus judeu é onipresente e justiceiro, o cristão é o Deus encarnado, morto e ressuscitado, já Deus para os mulçumanos é único, transcendente e impenetrável, porém misericordioso.

² WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. História de Israel. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Israel>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

³ KHOURY, Adel Theodor (org.). Dizionario delle religioni monoteistiche: Ebraismo, cristianesimo, Islam. Ed. PIEMME, 2004.

3 O HOMEM E PECADO NAS TRÊS RELIGIÕES MONOTEÍSTAS**3.1 O PECADO PARA TODA UMA NAÇÃO**

No dicionário Aurélio o significado da palavra pecado é “transgressão de preceito religioso; falta, culpa”, este mesmo significado podemos levar para as três religiões monoteístas, pecar é infringir uma ação contra a Deus, faltar com respeito a sua lei o que acarreta posteriormente o sentimento de culpa no fiel. No Dizionario delle religioni monoteistiche o povo judeu interpreta que todo israelita, garante a liquidação de todos os outros, por causa da "transgressão cometida pelo indivíduo, toda a comunidade também é responsável", como exemplo, podemos novamente citar uma passagem dos textos de *Deuteronômio*, onde o profeta Moises antes de sua morte prevê as bênçãos e as maldições de seu povo:

Moisés começou descrevendo as bênçãos que os israelitas receberiam caso obedecessem a Lei. A lei fora dada nos primeiros livros e incluíam os Dez Mandamentos. As bênçãos vinham de Deus e seriam tamanhas que todas as demais nações reconheceriam Sua benção. O resultado destas bênçãos seria que: *Então todos os povos da terra verão que vocês pertencem ao Senhor e terão medo de vocês. (Deuteronômio 28:10)*. Contudo, caso os israelitas fracassassem sem obedecer aos Mandamentos, eles então receberiam maldições correspondentes às bênçãos. Estas maldições seriam vistas pelas nações e se estenderiam por toda a história: *Vocês serão desarraigados da terra em que estão entrando para dela tomar posse. Então o Senhor os espalhará pelas nações, de um lado ao outro da terra. (Deuteronômio 28:63-64)*⁴.

A desobediência aos dez mandamentos confinou o povo a séculos e séculos de desterro, porque na tradição judaica pecar se assemelha a *esquecer*, esquecer o quê? A resposta é simples, quando se peca, o fiel se esquece do caminho de Deus e o castigo vem com a palavra *lembrar* pois, o fiel têm o dever se lembrar que sua desobediência é o pecado que o separa de Deus: "...você acha que, lembre-se que o destino lhe há, teu Deus..." (Dt 07:18); "... lembrar ele, teu Deus, porque é ele quem te fortalece..."(8:18). (KHOURY, 2004, p.524)

Além disso, de acordo com o Dizionario delle religioni monoteistiche, um homem judeu lembra permanentemente da gravidade de sua culpa, de seu pecado e que continuamente tentar redimir através do arco da sua vida, podendo implorar seu perdão, ele é julgado pelo Criador que irá decidir se vale a pena salva-lo. O fiel judeu não é capaz de somente passar pela morte, tem que buscar como se redimir do pecado. O pecador busca lançar-se no caminho de Deus, então Deus estará próximo a ele e encontrará no meio do caminho, para ajudá-lo a conseguir a vitória sobre o inimigo interno, Deus estará pronto em todos os momentos para acolher em seu amor o pecador mais compulsivo.

⁴A VIDA. O discurso de despedida de Moisés: A história seguindo sua própria norma. Disponível em: <<https://bit.ly/2SXvACK>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

3.2 O VÍCIO DO PECADOR CRISTÃO

Sto. Tomás de Aquino considera o ato humano como o pecado na linha de contrariedade à lei eterna de Deus, Tomás trata o pecado no centro de sua reflexão sobre a vida moral, uma delicada análise das iniciativas empreendidas pelo espírito humano em direção à sua plenitude de ser ou sua desumanização. Observamos na religião cristã uma proximidade maior, uma união de Deus-Trindade⁵ pela inteligência e pelo amor, torna-se cooperador de Deus criador e salvador, Deus enviou seu filho a terra, então Jesus veio chamar os pecadores para fazer penitência, Jesus é o depositário da autoridade para perdoar o pecado. Contudo Tomas caracteriza o pecado como vício e as boas ações de virtude:

“RESPONDO. Há duas coisas a considerar na virtude, sua essência e seu fim, Na essência da virtude pode-se considerar o que se apresenta diretamente e o que é consequente. Diretamente, a virtude implica a disposição de alguma coisa que se encontra bem conforme à sua natureza. Donde esta palavra do Filósofo: “A virtude é a disposição do que é perfeito para o melhor. Perfeito entende-se o que está disposto segundo o modo de sua natureza”. Consequentemente, a virtude é uma bondade, porque a bondade consiste para cada um em encontrar-se bem segundo o modo de sua natureza. E o fim da virtude são as boas ações, como se disse acima.

Três coisas, portanto, se encontram em oposição à virtude. Ao fim que ela busca opõe-se o pecado. Pois este designa, propriamente falando a ação desordenada. E a ação virtuosa é aquela que é ordenada e devida. E enquanto à razão de virtude se segue ser uma certa bondade, à virtude opõe-se a malícia. Mas, enquanto àquilo que diretamente é da razão de virtude, a virtude opõe-se o vício, porque o vício de uma coisa parece ser não estar nas disposições que convêm à sua natureza. Donde a palavra de Agostinho: “Chama vício o que vê a faltar à perfeição da natureza”. (AQUINO, 2010, Suma teológica, p. 291)

Nas três coisas que Tomas aponta como oposição a virtude temos: “o pecado opõe-se à virtude enquanto é operativa do bem, a malícia enquanto é uma certa bondade e o vício enquanto propriamente é uma virtude” (p.291). Segundo diz respeito à boa ação do ato, é preciso que algo se encontre bem disposto para que seja operativo do bem, neste sentido que o vício se opõe à virtude. Por fim a terceira refere-se a doença e as indisposições são partes do vício, pois nos corpos chamam doença a corrupção de todo o corpo. Para Tomas, o pecado é vício e o vício opõe-se à virtude, o pecado é um mal no gênero dos atos humanos e que se dividem em dois tipos, o pecado espiritual e o pecado carnal.

⁵ Na filosofia católica cristã do Sto. Tomás de Aquino, acredita-se no ensino da Trindade diz respeito a Deus e que Este consiste em três pessoas — o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Alega-se que essas três pessoas são iguais, todo-poderosas e não tiveram princípio. Portanto, de acordo com a doutrina da Trindade, o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus, mas, mesmo assim, há um só Deus. WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Trindade (cristianismo). Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Trindade_\(cristianismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Trindade_(cristianismo))>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

No Dicionario delle religioni monoteistiche o pecado *Cristiano* é uma falta, isto é, uma infração dada. Além disso, a profundidade do conceito de pecado do Antigo Testamento é expressa no significado de "rebelião, indignação contra alguém", mas não existe uma doutrina universal do Deus que é bastante atualizada nas situações concretas da vida humana, o apóstolo Paulo caracteriza o pecado como um poder personificado, que domina os homens desde a queda de Adão e do qual o homem permanecerá à mercê como escravo até a redenção por Cristo.

Para o cristão o temor do pecado é constante, embora Cristo tenha morrido pelos seus fiéis e levados seus pecados, mesmo assim o cristão não está livre de cometer novos pecados, esse temor se faz presente em um trecho de suas orações do pai nosso: “e não nos deixeis cair em tentação”. O medo de cair em tentação para alguns significa ceder aos desejos do Diabo, pois, o Diabo vai ser construído na religião cristã como sendo o responsável por todos os problemas mundanos. Alguns cristãos irão simplificar a sua religião como Deus, o caminho da Luz e a salvação, já o Diabo, seria o caminho do pecado e do inferno, entretanto Tomas faz a seguinte reflexão:

“Quanto ao 1º, portanto, deve-se dizer que todos estes autores, ou outros que se possam encontrar, referem-se ao fato de que o diabo por sugestão e pela proposição de objetos desejáveis induz ao afeto do pecado.

Quanto ao 2º, deve-se dizer que a semelhança deve ser entendida do seguinte modo: o diabo é de uma certa maneira causa de nossos pecados, como Deus é de uma certa maneira causa de nossos bens. Portanto, não se dá atenção à maneira de ser causa, porque Deus causa o bem movendo interiormente a vontade, o que não pode convir ao diabo.

Quanto ao 3º, deve-se dizer que Deus é o princípio universal de todo movimento humano interior. Mas, o fato de que a vontade humana se determina para uma má deliberação vem diretamente da vontade, e do diabo à maneira de persuasão ou de proposição.” (AQUINO, 2010, Suma teológica, p. 415)

Dessa maneira, podemos entender que o pecado para o cristão está nas suas ações cotidianas, ele irá decidir por sua vontade se irá cometer o vício do pecado ou se irá praticar o caminho das virtudes junto ao seu Deus.

3.3 A RELIGIÃO É A LEI

A oração para o muçumano, o islâmico, é um ato disciplinado ao Deus único e universal, nela não há lugar para drama ou mistério, o fiel islâmico tem a obrigação de conhecer palavra de seu Deus, escrita no Corão todos possuem acesso a sua palavra, tanto que no mundo islâmico não possui um clero, apenas possuem líderes de oração, os *imã*. No livro O Oriente Médio, de Bernard Lewis (1996), o autor retira um fragmento do Corão: “obedecer a Deus e ao Mensageiro e ao dentre vós que dispõem de autoridade. (4:59)”. Assim se forma a *sharia* uma elaboração de leis juristas-teológicas:

“Os juristas mulçumanos dividem a *sharia* em duas partes principais. A primeira trata da mente e coração dos crentes, isto é, de doutrina e moralidade; a outra, de atos externos em relação a Deus e ao homem, ou melhor, de adoração, por um lado, e lei cível, criminal e administrativa, por outro. A finalidade da lei era definir um sistema de regras, cuja observância permitiria aos crentes levar uma vida reta nesse mundo e a se prepararem para a vida eterna no outro. E a principal função do Estado e sociedade islâmica consiste em manter e fazer cumprir essas normas”. (LEWIS, 1996, p.203).

Soma-se a isso o apontamento do Dicionario dele religioni monoteistiche, quando se refere ao pecado *Islâmico*, aponta que o pecado é uma transgressão a norma divina e também uma violação da Lei. O mundo islâmico divide o pecado entre mortal e venial, de acordo com o alcorão, o pecado mais grave consiste em associar outros deuses a Deus, com o qual um direito de Deus é infringido, inclui também os atos mais grave que um ser humano pode cometer como: assassinato, feitiçaria e adultério.

Já o venial são os pecados, os erros que você faz e se você diz "lamento" a Deus, ele irá perdoá-lo. Na soma nossas boas obras suplantam nossas más obras (Alcorão - Sura 11,114). Ninguém pode ser absolvido do pecado por um organismo religioso, a última e a autoridade suprema é Deus, Maomé diz: "Se o homem se move em direção a Deus, Deus dá dois passos em direção ao homem".

4 O PECADO DA VAIDADE EM NOSSA CONTEMPORANEIDADE

A vaidade, o pecado da soberba (orgulho), da arrogância, o pecado de Lúcifer. Para Santo Tomás de Aquino, a soberba é um pecado tão grandioso que deveria ser tratada em separado do resto, e merecendo uma atenção especial. Aquino tratava em separado a questão da vaidade, como sendo também um pecado, no entanto, a Igreja Católica decidiu unir a vaidade à soberba, acreditando que neles haviam um mesmo componente de vanglória, devendo ser então estudados e tratados conjuntamente⁶. Antes disso devemos lembrar que, a vaidade não é vista com bons olhos apenas na concepção cristã, os Gregos já discutiam o amor excessivo a própria imagem. Podemos citar aqui o mito do Espelho de Narciso:

“Segundo Ovídio, Narciso era um rapaz plenamente dotado de beleza. Seus pais eram o deus do rio Cefiso e da ninfa Liríope. Dias antes de seu nascimento, seus pais resolveram consultar o oráculo Tirésias para saber qual seria o destino do menino. E a revelação do oráculo foi que ele teria uma longa vida, desde que nunca visse seu próprio rosto. Narciso cresceu, e se transformou um jovem bonito de Beócia, que despertava amor tanto em homens quanto em mulheres, mas era muito

⁶Católico Orante. Os 7 Pecados Capitais. Disponível em: <<http://www.catolicoorante.com.br/7pecados.html>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019

orgulhoso e tinha uma arrogância que ninguém conseguia quebrar. Até as ninfas se apaixonaram por ele, incluindo uma chamada Eco que o amava incondicionalmente, mas o rapaz a menosprezava. As moças desprezadas pediram aos deuses para vingá-las. Para dar uma lição ao rapaz frívolo, a deusa Némesis, (aqui como um aspecto de Afrodite[4]) o condenou a apaixonar-se pelo seu próprio reflexo na lagoa de Eco. Encantado pela sua própria beleza, Narciso deitou-se no banco do rio e definhou, olhando-se na água e se embelezando. Depois da sua morte, Afrodite o transformou numa flor, Narciso". (NARCISO, 2019)

O narcisismo tem o seu nome derivado de narciso e ambos derivam da palavra grega *narke* ("entorpecido"), de onde também vem a palavra *narcótico*. Assim, para os gregos, Narciso simbolizava a vaidade e a insensibilidade⁷, os gregos condenam a vaidade por ser uma *hybris*, desequilíbrio (Karnal,2016), o desequilíbrio de Narciso, este sucumbe ao seu amor próprio. No 4º volume da Suma teológica, Aquino também analisa o amor próprio: "O amor de si é o princípio de todo pecado?", após reflexões ele chega à seguinte conclusão:

"RESPONDO. Como acima foi dito, o que é propriamente e por si causa do pecado deve ser procurado em razão da conversão para o bem perecível. Ora, quanto a isso todo ato de pecado provém do apetite desordenado de um bem temporal. Mas, que alguém deseje desordenadamente um bem temporal, provem do amor desordenado de si, porque amar é querer-lhe o bem. Fica claro que todo pecado tem por causa o amor desordenado de si mesmo". (AQUINO, 2010, Suma Teológica, p. 388)

Aquino não condena o amor próprio, uma vez que o amor é uma virtude, o que o Santo condena é o amor "desordenado", o amor excessivo à própria imagem, como o caso de Narciso. Em nossa contemporaneidade tal "desordenamento" de amor com nossa própria imagem se faz bastante presente, nós expomos, cotidianamente, nossa imagem em redes sócias, na busca de uma admiração, pois na era das redes sociais o que conta é a imagem que passamos de nós mesmo. O sociólogo, Zygmunt Bauman, no seu livro *Modernidade Líquida* irá discutir a fluidez da modernidade, de como líquidos diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo, a vida moderna do homem é rápida pois a fluidez líquida nos possibilitou essa mobilidade.

Assim, nossa identidade também se movimenta rapidamente como por exemplo a necessidade de "postar uma foto" torna-se constante, o que Bauman vai chamar de o cuidado com a identidade tende a adquirir um brilho novo:

⁷WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. NARCISO. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Narciso>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

A “idade da ironia” foi substituída pela “ideia do glamour”, em que a aparência é consagrada como única realidade... A modernidade, assim, muda de um período do eu “autêntico” para um período do eu “irônico” e para uma cultura contemporânea do que poderia ser chamado de eu “associativo” – um afrouxamento dos laços entre a alma interior e a forma exterior da relação social... As identidades são assim oscilações contínuas”. (BAUMAN, 2001, p.84).

Bauman também acredita que os medos e ansiedades e angústias contemporâneas são feitos para serem sofridos em solidão, e talvez para fugir da solidão o indivíduo passa a adorar a si mesmo e a se expor mais e mais nas redes sócias, se afastando dos seus laços entre sua alma interior e se aproximando mais da necessidade exterior, construindo assim o amor desordenado como afirma Tomas de Aquino.

O interessante do pecado da vaidade é a suas várias formas que o indivíduo pode alcançá-la e pecar mesmo achando que não está pecando. Leandro Karnal faz a narrativa das tentações que o Santo Antão durante a seu auto exílio em uma caverna:

“Santo Antão foi um homem que morreu aos 105 anos dos quais quase a vida inteira passou morando numa caverna jejuando e sendo atacado diariamente pelo demônio – o demônio o elegeu como meta corporativa, precisava desviá-lo de seus propósitos e se concentrou em Antão por quase oito décadas (...) Quando olhava para o crucifixo, ao invés do Cristo, via uma mulher nua; fazia jejum e aparecia sobre a mesa a comida mais extraordinária (...) E Antão era um homem excepcional – praticamente um não humano – e resistiu a tudo.

Oscar Wilde nos vai dizer, no século XIX, que se eu resisto à tentação é que ela não foi forte o suficiente, porque, sendo forte, eu não resisto; mas, como sabem, Oscar Wilde está no inferno e, Antão, no céu. Antão resistiu e, segundo uma tradição apócrifa, não da Legenda Áurea, não dos santos, uma tradição que bebe de várias fontes, inclusive que virou texto com Flaubert, no século XIX: o demônio desistiu de Antão; quando este estava com seus 105 anos, virou-lhe as costas e disse, “Você venceu! Pela primeira vez na história alguém foi mais forte que eu” e se retirou da caverna, e, Antão caiu de joelhos e agradeceu a Deus com uma oração simples, “Muito obrigado, agora me tornei um santo”, o demônio sorriu e voltou.

(...) Antão resistiu a todos os pecados, menos ao da vaidade – a vaidade de ser santo e de ter resistido aos pecados. Isso mostra que, no fundo, a pessoa virtuosa, a mulher fiel, o homem dedicado, o filho exemplar, cometem o pecado de dizer “eu não sou como adúltera, como o infiel ou o filho rebelde”. Por trás de cada virtude há exuberância que se aproxima do vício.” (KARNAL, 2014)

Karnal descreve que a vaidade de Antão vem travestida no desejo da aparência de santidade, se tornar um santo é uma constante busca de conversão, entretanto a vaidade desviou Antão de seu caminho virtuoso e podemos dizer aqui que o pecado da vaidade também é desvio, um desvio com a falta de atenção com Deus.

Em Eclesiastes 1:2 temos a seguinte afirmação: “Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades! Tudo é vaidade.”; 1:4 “Uma geração vai, e outra geração vem; mas a terra para sempre permanece”; 1: 9: “O que foi, isso é o que há de ser; e o que se fez, isso se fará; de modo

que nada há de novo debaixo do sol”. Vejamos bem, tudo é vaidade e aqui podemos retomar ao sentido de pecado de Aquino, onde pecado é vício, o vício do prazer, do desejo, do amor a si mesmo como o mito de Narciso. Bauman, afirma que a vaidade divide em vez de unir, e como não há maneira de dizer quem acordará no próximo dia em qual divisão, a ideia de interesse comum fica cada vez mais nebulosa e perde-se todo o valor prático, a compaixão coletiva do espaço, dá lugar, ao prazer solitário da modernidade.

Em nossa contemporaneidade, muitos para se reafirmarem de seus feitos, mantêm-se soberbos, o orgulho se faz presente na vida cotidiana do homem moderno, não nos contentamos apenas em efetuar uma tarefa, nossa vontade consiste em espelhar os nossos feitos a todo os cantos do mundo, cada conquista, cada “boa ação” tem que surgir em uma rede social em texto que o próprio autor se vangloria de sua obra, ou atitude. A soberba e a vaidade andam juntas também no mundo virtual. Tomás de Aquino defende que quem pratica a soberba não se submete a alguém superior e principalmente não quer submeter-se a Deus, assim, deve-se dizer que o homem ama a si mesmo enquanto quer, porque é a mesma coisa amar-se e querer o bem para si. Portanto, é o mesmo afirmar que o início de todo pecado é a soberba ou o amor próprio excessivo da vaidade.

5 CONCLUSÃO

Nesse artigo tentamos fazer uma reflexão sobre o sentido de pecado nas três grandes religiões monoteístas. Podemos diferenciar o pecado herdado do judaísmo, o pecado como vício que afasta o cristão do caminho da virtude de seu Deus e, por fim, o pecado como transgressão à norma divina e que também é uma violação das Leis legais, nas sociedades teocráticas, já que em outras sociedades, nem sempre o “pecado” é o “ilegal”, no sentido de crime. Diferentes pontos de vistas, de religiões diferentes, porém, com uma origem e valores semelhantes. Apenas arranhamos o iceberg religioso, pois existem cisões dentro delas, como já foi dito anteriormente, e nessas cisões o sentido de pecado também se transforma. Todavia, o que é mais interessante de se ressaltar é que o temor de pecar em todas as três religiões monoteístas é o temor de se afastar de seu Deus.

A vaidade é um dos pecados bastante discutido atualmente, como já foi dito, a exposição constante de própria imagem, o narcisismo, o orgulho da aparência e dos próprios feitos são coisas cotidianas em nossa contemporaneidade. A questão é, que para o fiel cristão a essência do sentido do Pecado da vaidade não mudou desde as reflexões do Sto. Tomás de Aquino, o pecado da vaidade se faz presente no homem moderno, apenas age com uma roupagem diferente, agora no mundo digital da internet.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomas de. Suma teológica. Volume 4; Os hábitos e as virtudes – os dons do espírito santo - os vícios e os pecados – a lei antiga e a lei nova – a graça. Ed: Loyola, São Paulo, 2010.

A VIDA. Qual é a história do povo judeu?. Disponível em: < <https://bit.ly/2SIWxLp>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

A VIDA. O discurso de despedida de Moisés: A história seguindo sua própria norma. Disponível em: < <https://bit.ly/2SXvACK>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

ALTARES, Guillermo. Por que falamos de seis milhões de mortos no Holocausto?. Disponível em: < <https://bit.ly/2ST81eu> >. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

Católico Orante. Os 7 Pecados Capitais. Disponível em: < <https://bit.ly/2PqJRX2>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

ÁVILA, Antonio. Para conhecer a psicologia da religião. Ed: Loyola, São Paulo 2007. BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev.e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

CROATTO, José Severino. As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo, ed. Paulinas, 2001.

HOFMEISTER, Roberto Pich. Religião como forma de conhecimento. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (organizadores). Compendio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulus, 2013.

LEWIS, Bernard. O Oriente Médio: Do advento do cristianismo aos dias de hoje; tradução Ruy Jungmann; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

KARNA, Leandro. Oriente Médio. São Paulo: ed. Scipione, 2002.

KARNAL, Leandro. O mal primordial o orgulho nosso de cada dia. Disponível em: < <https://bit.ly/2Ep6jbK>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

KARNAL, Leandro. Café Filosófico: 7 Pecados Capitais, Vaidade. 2016 (52m41s) Disponível em: < <https://bit.ly/2T7wagI>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

MACKENZIE, John L. Dicionário bíblico. São Paulo, ed. Paulinas, 1983.

KHOURY, Adel Theodor (org.). Dizionario delle religioni monoteistiche: Ebraismo, cristianesimo, Islam. Ed. PIEMME, 2004.

SAMUEL, Albert. As religiões hoje. São Paulo: ed. Paululus, 1997.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. História de Israel. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Israel>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

Brazilian Journal of Development

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. NARCISO. Disponível em:
<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Narciso>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Trindade (cristianismo). Disponível em:
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Trindade_\(cristianismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Trindade_(cristianismo))>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2019.